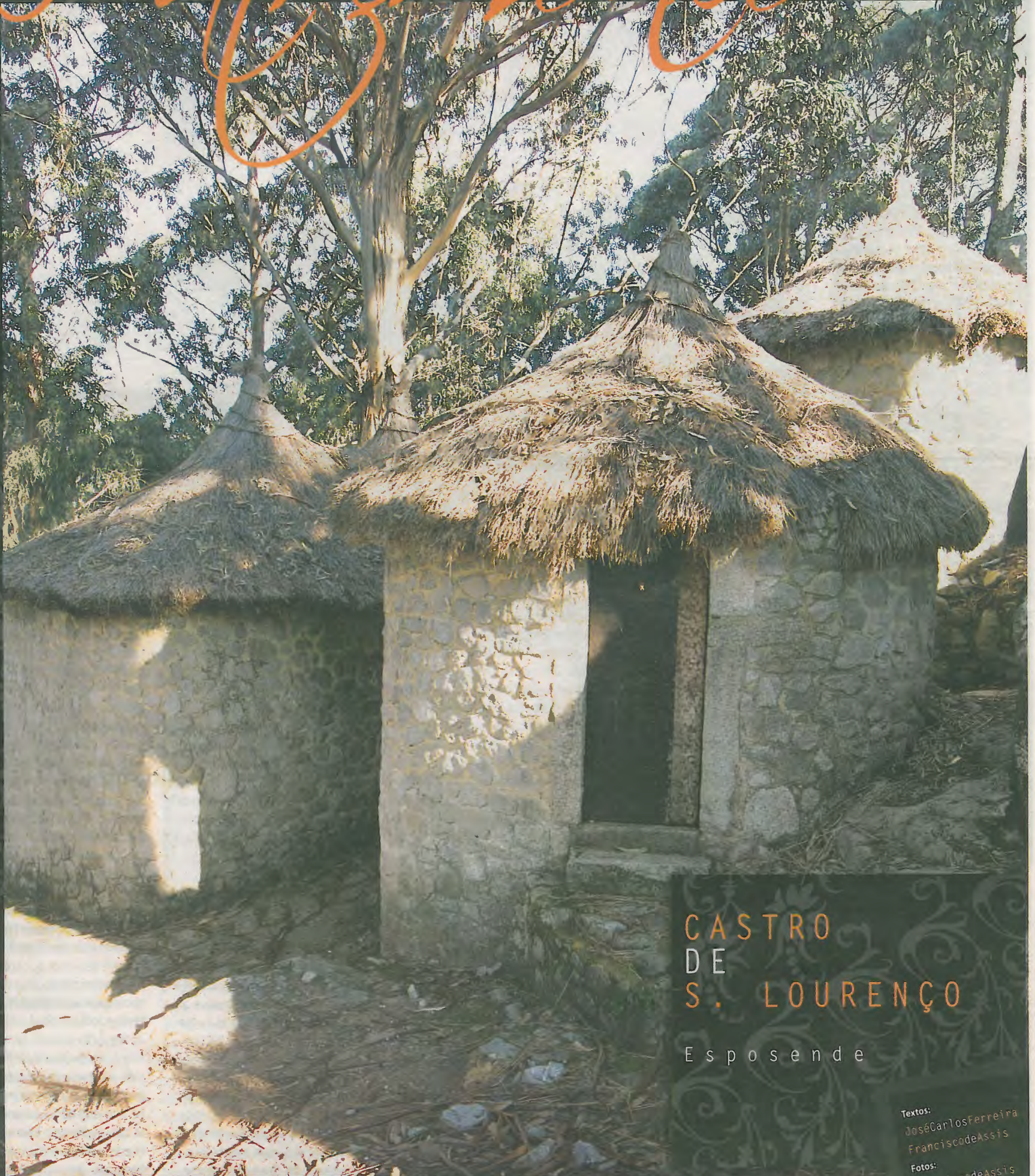


21 DEZEMBRO DE 2007
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 27991
de 21 de Dezembro de 2007,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



CASTRO
DE
S. LOURENÇO

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" do *Diário do Minho* de hoje é sobre o castro de S. Lourenço, certamente o monumento mais conhecido de Esposende e um dos mais conhecidos da região Norte. É, por isso, o ex-libris do concelho. E nós sabemos disso. E só não foi tratado à primeira como costumamos fazer com os ex-libris de cada concelho por uma questão de estratégia.

Hoje, depois de outros monumentos em diferentes freguesias, eis-nos aqui com todo o entusiasmo para falarmos sobre o castro, divulgando um pouco da cultura e vivência do homem da Idade do Ferro, afinal, a raiz da nossa cultura está na cultura castreja. A primeira referência ao castro será de 1758.

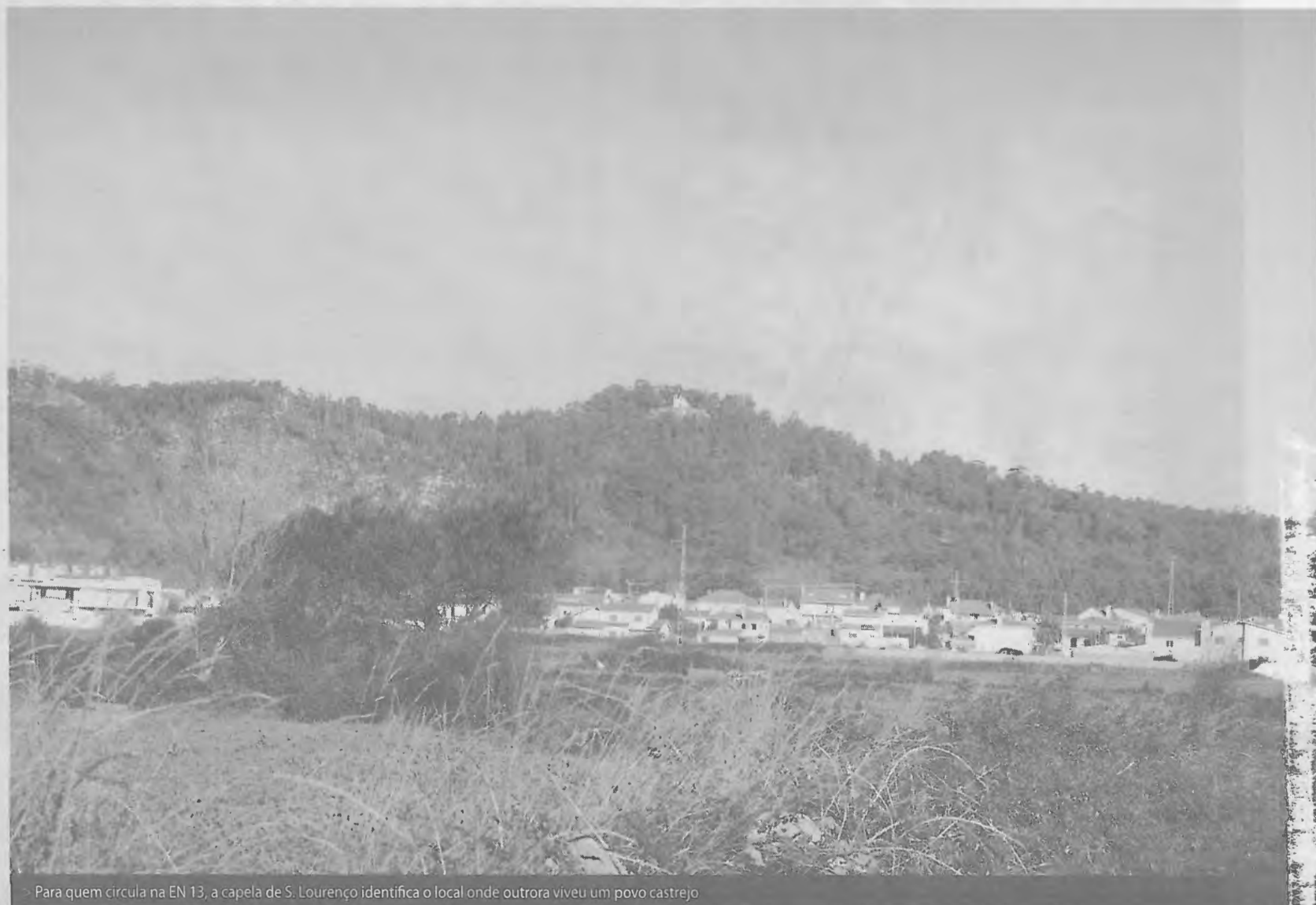
Nesta edição vamos falar da ocupação proto-histórica do castro, das vivências, graças aos vestígios encontrados, fruto de um trabalho de 25 anos de investigação, há muitos anos comandada por Carlos Brochado de Almeida. A bem do conhecimento, Brochado de Almeida fez de S. Lourenço o seu campo de trabalho de eleição, liderando centenas de sondagens arqueológicas. Por isso, como allás, acontece na maioria das vezes, a finalidade deste suplemento é essencialmente divulgar o castro através de um outro olhar.

O castro está facilmente visível, mesmo sem guia. Ainda assim, a Câmara de Esposende vai construir um centro interpretativo, para que este monumento ganhe outra dinâmica e tenha a divulgação e utilização que merece.

O *Diário do Minho* deseja aos leitores um Feliz Natal.

O castro de S. Lourenço, na freguesia de Vila Chã, é uma estação arqueológica conhecida desde há muito tempo, sendo provável que a primeira referência à sua existência date do século XVIII, mais concretamente de 1758.

Castro de S. Lourenço é conhecido desde o século XVIII



Para quem circula na EN 13, a capela de S. Lourenço identifica o local onde outrora viveu um povo castrejo

Nas "Memórias Paroquiais de 1758", o pároco de então afirma que «não há nesta freguesia serras, nem rios e somente se vê em o alto de hum outeiro os vestígios do alicerce de hum forte que por tradição dizem hé do tempo dos Mouros».

Carlos A. Brochado de Almeida, no seu trabalho intitulado "Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho – Esposende", editado no "Boletim Cultural de Esposende", n.º 20, em 1998, não negando a hipótese do sacerdote estar a referir-se ao castro de S. Lourenço, afirma, no entanto, que esta descrição poderá estar relacionada com um outro local arqueológico da freguesia. «Pode dar-se o caso de "os vestígios do alicerce de hum forte, que por tradição dizem he do tempo dos Mouros" se encontram "em o alto de hum outeiro", não serem os de S. Lourenço, antes do alto do monte da Cerca, onde, para além de uma "mamoinha", há ainda resto de uma ciclópica muralha de pedra», sustenta.

Contudo, o que parece não deixar dúvidas é que este castro é já conhecido no século XIX, tendo por ali passado vários nomes ligados aos inícios da arqueologia em Portugal. «No final do século XIX as informações avolumaram-se pois Pinho Leal mencionava a presença de moedas

romanas; J. Augusto Vieira referia o aparecimento de um machado de bronze e Martins Sarmiento, que em Vila Chã escavara e pesquisara as "mamoinhas" do Rápido e da Serra, andara por S. Lourenço que ele considerava "um pequeno castro", onde estavam "bem à vista vestígios de influência romana; pedaços de telha com rebordo e fragmento de ânforas", afirma Carlos A. Brochado de Almeida, acrescentando ainda que, «posteriormente serão Teotónio da Fonseca, Falcão Machado, Leandro Q. Neves e, principalmente, Manuel de Boaventura que, a propósito deste ou daquele achado, se referirão, com maior ou menor pormenor, ao castro de S. Lourenço».

Ara dedicada a DEA SANCTA

Já em 1954, nesta estação arqueológica viria a ser encontrada uma ara dedicada a DEA SANCTA, quando se rompia o caminho de acesso à capela de S. Lourenço. Este achado de grande importância, conta o arqueólogo, viria a criar uma forte polémica. Segundo refere, na altura, a ara foi recolhida no Museu Pio XII, em Braga, com forte oposição de Manuel de Boaventura que, «na sua qualidade de representante do Ministério da Educação Nacional no concelho, achava» que esta peça

«deveria ser enviada a um museu nacional».

Mas, estas obras de 1954, apesar de terem trazido à luz do dia a ara, originaram a destruição de material arqueológico e de algumas partes do sítio. «As obras haveriam de conduzir à destruição de uma parte da 2.ª muralha, de uma série de casas, ao aparecimento de material cerâmico, de algumas moedas romanas e da já supracitada ara dedicada a DEA SANCTA», realça Carlos A. Brochado de Almeida.

No entanto, acrescenta, «a destruição mais recente e também a mais profunda ocorreu no início da década de 80, quando o proprietário da pedreira que laborava na base do flanco oeste pretendeu abrir um caminho que lhe desse acesso fácil e directo para a zona dos coretos e consequentemente uma ligação à estrada camarária Esposende-Vila Chã». «Dos trabalhos realizados resultou a destruição de casas de habitação, do aparecimento de enormes quantidades de material cerâmico que se perdeu ou simplesmente foi levado por visitantes e curiosos e de um peso de chumbo de forma periforme, com suspensão em ferro, superfícies desgastadas mas que, pelo peso que actualmente ostenta, deverá ter servido como "Deunx" numa balança romana», acrescenta.

O historiador Manuel Albino Penteado Neiva salienta, por sua vez, que foi com estas obras que Brochado de Almeida e ele próprio, com a Casa da Cultura de Esposende, sentiram a necessidade de chamar a atenção para a ameaça de destruição deste povoado.

«Podemos dizer que foi a própria pedreira, que estava a avançar sobre o povoado, que nos levou a chamar à atenção publicamente para a importância desta estação e para a necessidade de a escavar. E é assim que todos os anos tem sido feita, sistematicamente, a escavação e tem sido um trabalho hercúleo por parte do professor Brochado de Almeida e da sua equipa. A Câmara sempre deu o seu apoio e é, aliás, a única instituição que tem dado apoio para as escavações», salienta Penteado Neiva. Para o historiador, ao fim de 25 anos de escavações, este é já o momento de lançar o desafio à Câmara de Esposende para que publique a grande monografia do povoado de S. Lourenço, onde se dê a conhecer o imenso material que tem sido recolhido e que tem integrado exposições por todo o país. «Eu penso que o professor Brochado de Almeida estará à espera que alguém o convide para que faça esse trabalho de sùmula», afirma Penteado Neiva.

Povoado de S. Lourenço foi ocupado desde o Bronze Final

O arqueólogo Carlos A. Brochado de Almeida, que desde os anos 80 tem realizado escavações no castro de S. Lourenço, afirma que a ocupação deste povoado cobre, garantidamente, «um espaço temporal tão dilatado como o que vai do Bronze Final à Baixa Idade Média, caso não queiramos contabilizar a componente religiosa centrada em redor de uma capela que se sabe existir já em 1549».

No seu artigo "Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho – Esposende", editado no "Boletim Cultural de Esposende", n.º 20, em 1998, o investigador sustenta que ao Bronze Final «pertencem algumas cerâmicas recolhidas em camadas revolvidas» num dos sectores onde foram feitas escavações, e «um machado de bronze noticiado por J. Augusto Vieira, mas com paradeiro desconhecido».

«Ignorado é também o contexto relacionado com um fragmento de cerâmica ática, decorada com figuras vermelhas, e que, por esse facto, deverá ser considerado do século IV antes de Cristo (a.C.), senão mesmo do século V a.C.», acrescenta.

Brochado de Almeida realça que, nas áreas escavadas, não foram encontradas estruturas de habitações ou de outro tipo relacionadas com estes ou outros vestígios. No entanto, diz, «já deparamos com algumas camadas estratigráficas que terão uma cronologia algo próxima daquele período» e, «a confirmá-lo, estão cerâmicas indígenas, muito fragmentadas, onde é possível encontrar perfis de colo vertical e bordo horizontal e fundos planos ou levemente côncavos, nem sempre provido de reforço, conhecidos em outras estações».

Período melhor conhecido

Segundo Brochado de Almeida, o espaço temporal melhor conhecido do povoado de S. Lourenço é o da transição entre a Idade do Ferro e a romanização, ou seja, entre o século II a.C. e o século II d.C.

Na sua perspectiva, «terá sido por volta do século II a.C. que terão sido construídas as casas circulares que posteriormente foram destruídas ou somente remodeladas para darem lugar às que incorporam "caranquejos" ou vestíbulos e apresentam sinais de reboco e pintura interior». Tendo em consideração as suas investigações, algumas das casas estudadas são deste período e apresentam «indícios de terem sido queimadas e substituídas por outras de tendência sub-retangular com ângulos arredondados».

Para Brochado de Almeida, «a vida no povoado continuou para além do câmbio da Era e mesmo do de-

nominado "Século de Augusto"». Segundo explica, «sectores do povoado começaram a mostrar, a par das formas arquitectónicas tradicionalmente indígenas, modelos rectangulares com ângulos bem esquadriados a facearem arruamentos de tendência rectilínea». É desta altura, ou seja, dos primeiros séculos depois de Cristo, que a telha romana, denominada tegula, se impõe como material de cobertura das casas, e que as cerâmicas de técnica romana se sobrepõem às dos povos da Idade do Ferro.

Nesta viagem cronológica da ocupação do povoado de S. Lourenço, o arqueólogo Brochado de Almeida considera que faltam, para já, «argumentos estratigráficos e mesmo materiais que nos tracem uma radiografia ocupacional do habitat para além do século II d.C., embora se possa intuir que ela continuou, e, provavelmente, em razoável escala, até ao Baixo Império, altura em que uma parte da população se terá transferido para o planalto de Vila Chã, para o vale de Susão, em Palmeira de Faro e, naturalmente, para a plataforma continental, onde, aqui e ali, vão aparecendo provas de ocupações que se podem considerar de época romana».

As escavações realizadas têm demonstrado que nem todos terão abandonado o povoado na mesma altura, uma vez que têm sido encontradas moedas do período de Constantino e alguns pedaços de cerâmica datados do século V. Mais recente é a muralha construída na acrópole do povoado e que terá sido uma fortaleza na Baixa Idade Média. Para Brochado de Almeida é de presumir que muitas das estruturas do castro que não foram desmanteladas tenham sido reaproveitadas no período antes da nacionalidade, sobretudo durante a ocupação árabe «e sempre que a pirataria viking resolvia aportar à foz do Cávado».



Em S. Lourenço está recriado o ambiente castrejo



Nalguns penedos encontram-se as fossates



Junto à capela está a muralha medieval

Variedade arquitectónica do povoado entre o castrejo e a romanização

O povoado da Idade do Ferro em S. Lourenço, vulgarmente conhecido por castro de S. Lourenço, apresenta algumas variedades construtivas do ponto de vista da arquitectura das casas. Os investigadores identificaram pelo menos três formas ou modelos de casas castrejas: a redonda ou circular, a quadrada e a rectangular.

No entanto, frequentemente encontra-se a chamada casa oblonga ou alongada.

Ao ler os trabalhos dos diferentes investigadores que escreveram sobre o castro, particularmente a publicação "O Castro de São Lourenço Vila Chã - Esposende", de Carlos Brochado de Almeida e Rui Cavaleiro da Cunha, apercebe-se que as formas das casas identificavam-se inicialmente com o período da sua construção. Ou seja, se antes as casas eram sobretudo circulares, no virar da Era, especialmente com a chegada em força dos romanos introduziu-se um novo tipo de construção, sem abandonar o estilo antigo. Esta foi, aliás, uma das características e até um dos méritos dos romanos: inovar sim, mas também aproveitar e aperfeiçoar o que estava bem feito.

Há outro aspecto que acabou por determinar a mudança nas construções. As sondagens arqueológicas mostram que terá havido um grande incêndio, natural ou provocado, que terá precipitado as mudanças tanto a nível das paredes como a nível da cobertura, designadamente os materiais.

Os autores acima referidos assumem que o período que melhor conhecem do castro é o que se situa entre o século II antes de Cristo (a.C) e o século I depois de Cristo (d.C).

«Foi algures entre o século II a.C que foram construídas uma série de casas redondas, cobertas com palha e outros elementos vegetais que, nos alvares da Era actual, haveriam de ser destruídas por um grande incêndio, facto que haveria de conduzir a uma grande remodelação em toda a aldeia, com a construção de novas casas, dispostas em patamares sabiamente arquitectados, sustentados por poderosos muros de suporte em sítios onde o terreno se apresentava mais declivoso. Foi também por essa altura que foram introduzidos acrescentos à tradicional área coberta das casas com o apensar dos vestibulos ou "caranguejos"».

No entender de Manuel Albino Penteado Neiva, a grande pujança do povoado está situada entre o século I a.C e o século IV d.C. A partir daqui começou a decadência, por motivos que serão explicados na página VI deste caderno.

Em relação ao sistema defensivo do castro, Brochado de Almeida e Rui Cavaleiro acreditam que o sistema defensivo do castro consolidou-se entre o século I a.C e o nascer da Era Cristã. Trata-se de «um sistema defensivo composto por três ordens de muralhas, fossos a reforçar o quadrante Nor-Noroeste e um torreão de vigilância num dos cabeços a Noroeste do povoado», pode ler-se na publicação "O Castro de S. Lourenço - Vila Chã".

Núcleos familiares

Manuel Albino Penteado Neiva apresenta como uma das novidades deste povoado o facto de uma família ser dona de mais do que uma casinha. «Havia o conceito de núcleo familiar. Uma delas poderia servir de



> Casa castreja circular com bancos em redor dos muros, no sector T

cozinha, outra, mais cuidada, que até parece rebocada e muito mais trabalhada, e um terceiro compartimento onde apareceram muitas sementes e até vestígios de moinhos manuais. Isto é, estamos certamente perante um núcleo familiar onde existe uma cozinha, uma sala e um celeiro», explica.

Todas as casas têm a mesma característica, apresentando uma estrutura que daria para guardar os utensílios, uma espécie de prolongamento da casa ou o "caranguejo

da casa". Uma designação devido às semelhanças com as pinças dos caranguejos.

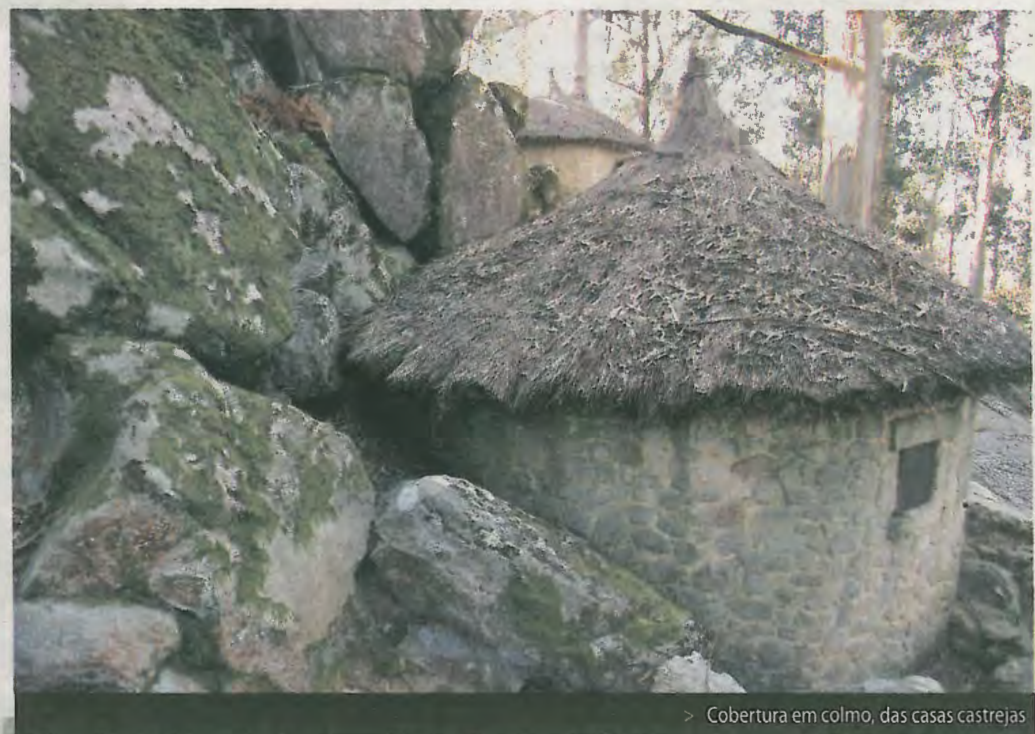
Nas redondezas dos agrupamentos familiares foram construídos espaços para os animais, designadamente os de pequeno porte como porcos, aves de capoeira, ovelhas e cabras, entre outros. Sobre a reconstrução das casas, Penteado Neiva explica que foi um processo assumido, com fins estritamente pedagógicos. Porém, as reconstruções foram baseadas nos muitos anos

de investigação e chegou-se à conclusão que esse seria o aspecto das casas dos povos castrejos.

O investigador elogia o trabalho realizado, nestes 25 anos, nomeadamente a sinalização e interpretação da cada um dos sectores. «Há informação precisa sobre o que se escavou, as cronologias, bem como a interpretação de cada um dos núcleos. Penso que seria uma fórmula que deveria ser adoptada nos monumentos do país», entende Penteado Neiva.



> Casa rectangular, já com influência e técnica romana



> Cobertura em colmo, das casas castrejas

PROXIMIDADE DO MAR FACILITAVA O CONTACTO COM O CASTRO

Vestígios arqueológicos mostram trocas comerciais internacionais

Com a sedentarização, embora sempre com grande mobilidade, os povos castrejos procuravam a melhor forma de sobreviverem dentro de um determinado espaço. Assim, além da agricultura rudimentar e de subsistência, e criação de gado, desenvolveu-se uma série de outras actividades com vista ao melhoramento das condições de vida. E em pleno século XXI, não deixamos de ficar surpreendidos com aquilo que esses povos já faziam, nomeadamente os utensílios artesanais para a vida do dia-a-dia. E é curioso que não se limitavam à criação da peça, mas havia já uma grande preocupação para com a decoração do objecto, bem como com a variedade estética, como podemos comprovar pelos vasos, ânforas, picos, instrumentos agrícolas, punhais, pontas de lança, espadas, entre outras armas e utensílios de uso diário.

No livro "O Castro de S. Lourenço - Vila Chã - Esposende", Carlos Brochado de Almeida e Rui Cavalheiro da Cunha recordam que a sociedade estava organizada segundo um sistema gentílico, isto é, «baseada nos laços de sangue, com um determinado espírito de hierarquização», especializando algumas profissões. Entre elas, e se calhar a mais desenvolvida, está a cantaria. «O trabalho insano que foi o de erguer muralhas, habitações, muros de sustentação e suporte, edifícios públicos, enquadramento de ruas e espaços comunitários exigiu o corte, o transporte, a arte e o saber de um grande número de operários, neste caso no trabalho da pedra». Porém estes autores recordam igualmente que toda essa arte só foi possível graças ao apoio da metalurgia, previamente desenvolvida pelos ferreiros.

Outra actividade de grande pujança e de muita arte foi a cerâmica. «É evidente que não temos provas de aqui ter havido uma ou mais olarias, mas tal será de admitir para as produções anteriores à introdução da roda de oleiro, algo que poderá ter acontecido já na segunda metade do século II a.C.», notam.

Mas a riqueza arqueológica encontrada no castro de S. Lourenço não se fica pela produção local. Provém também de vestígios que os investigadores sustentam que são de proveniência estrangeira, confirmando, assim as trocas comerciais internacionais. Brochado de Almeida e Rui Cavalheiro explicam que até à expedição do procônsul de Décimo Júnio Bruto, os contactos directos entre a região noroeste da Península Ibérica e as zonas ribeirinhas do Mediterrâneo eram esporádicos e quase sempre da responsabilidade de co-

merciantes púnicos que, navegando para o Ocidente e ao longo da costa portuguesa, terão aportado à foz de alguns rios. Nestas paragens terão trocado objectos de adorno e cerâmica de luxo por produtos mineiros e certamente peles de animais.

«Deste intercâmbio resta-nos, por exemplo, um pequeno fragmento de cerâmica grega, com figuras vermelhas e cuja cronologia aponta para o século IV a.C.»

Sobre este ponto, Albino Penteadó Neiva refere que os comerciantes provenientes do Oriente, nomeadamente os áticos, actual Grécia, terão passado por esta região. O fragmento é um vestígio «importantíssimo» do ponto de vista da investigação. Aliás, actualmente, esse fragmento está numa grande exposição no Museu Nacional de Arqueologia, sobre a cerâmica importada, nomeadamente os contactos com a Grécia antiga. Ou seja, o castro de S. Lourenço também está a contribuir para esta exposição.

Outra agradável surpresa, pode-se dizer um "bónus" para os investigadores foi o aparecimento de um colar completo, em ouro, desde a conta maior à conta mais pequena, é um colar de vidro com interior em ouro. «É uma técnica que não é nossa. Será do oriente, talvez dos fenícios, o que confirma que houve contactos e trocas comerciais com outros povos», refere Penteadó Neiva, recordando que o povoado está a pouca distância do mar.

No entanto, só se pode falar num comércio efectivamente desenvolvido depois da instalação da administração romana em Braga, isto é, a "Bracara Augusta". «É assim que paulatinamente aportam em S. Lourenço e aos outros castros da

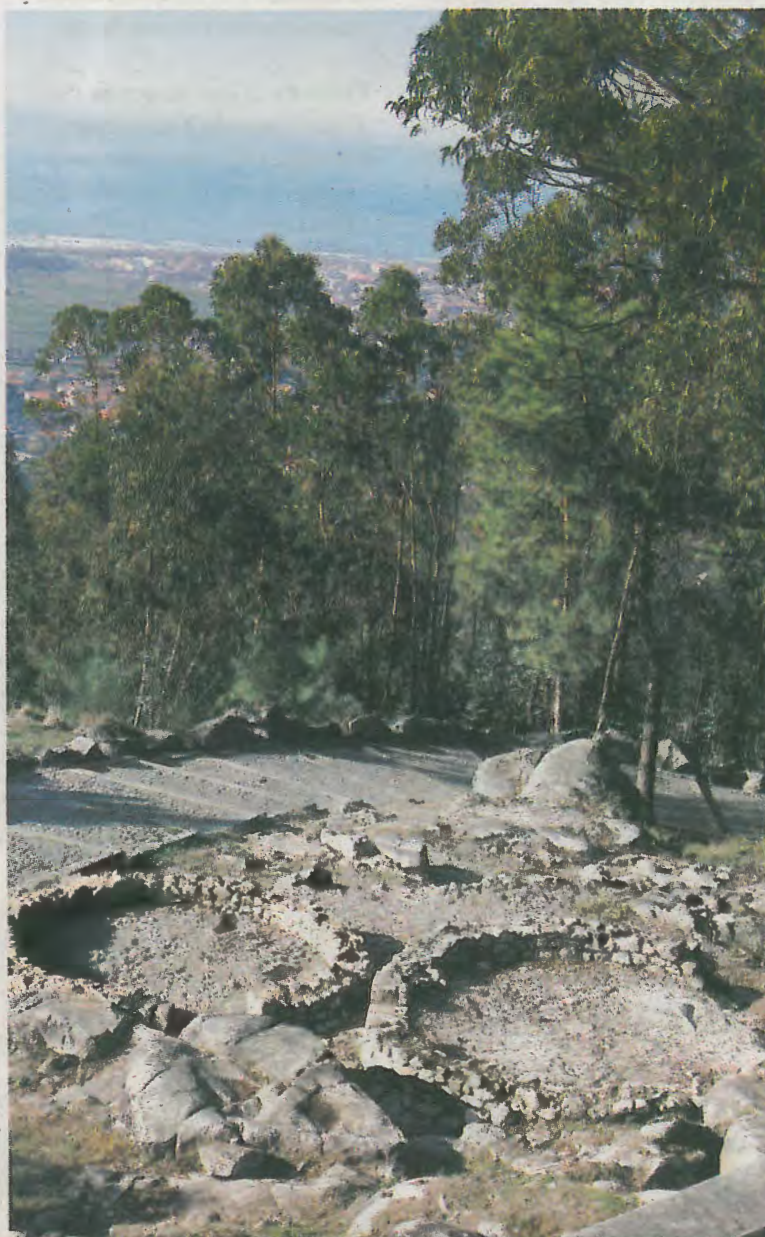


> No castro foram encontradas largas centenas de denários

orla costeira, as cerâmicas coloridas, pintadas, produzidas nas oficinas italianas, gaulesas, norte africanas e do centro/sul da Península Ibérica. Ainda em relação aos achados, é justo sublinhar as largas centenas de denários em prata encontradas, correspondendo mais ou menos ao câmbio do período de Júlio César. «Para aparecer esta quantidade de moedas neste local é porque vivia aqui gente de muita posse», admite Penteadó Neiva, que acredita que as moedas pudessem pertencer a algum cobrador de impostos.



> Colar de contas em vidro com interior em ouro mostra as trocas comerciais



> A proximidade ao mar facilitava contactos com comerciantes estrangeiros

S. MARTINHO FOI DECISIVO NA SACRALIZAÇÃO DOS CASTROS

Da consolidação da romanização ao abandono progressivo do povoado

Os romanos chegaram e fizeram questão de inovar e de aperfeiçoar as estruturas existentes e poucas ou nenhuma vez destruíram por completo as "instalações" encontradas. Ainda assim, aos poucos foram impondo os seus hábitos de vida e técnicas de construção por forma a dar maior conforto e comodidade aos habitantes.

É de realçar as técnicas de sustentação dos cantos das casas. «A casa quadrada exigia maior perícia, para se poder travar os cantos», recorda Penteadó Neiva. «É também nesta altura que as exteriores passam a admitir pedras decoradas com os motivos circulares, espiralados e codifornes como aqueles que decoram os suportes onde giram os gonzos ou eixos das portadas dos postigos», acrescentam Brochado de Almeida e Rui Cavalheiro.

Numa das casas do castro de S. Lourenço, é possível ver um dos postigos decorados com três letras. «Estaremos perante um proprietário que adoptou o seu nome à maneira romana, com três nomes, o chamado "trienomine". É mais um elemento a ilustrar a forte romanização deste povoado», sustenta Manuel Albino Penteadó Neiva.

O piso em barro foi aperfeiçoado e introduziram-se argamassas e pinturas. Porém, uma das grandes novidades dos romanos na construção, porventura a maior, foi a substituição do colmo e do xisto para a telha "tegulae". Hoje é praticamente um dado adquirido que não terá havido grandes guerras entre os povos indígenas e os invasores romanos. Tanto mais

que as forças seriam desproporcionadas. Por outro lado, admite-se que os indígenas terão ficado abismados e até encantados com a armadura de um soldado romano, ao contrário das suas técnicas e instrumentos rudimentares.

Assim, vivia-se uma fase mais pacífica. É a chamada "Paz romana". As pessoas começam a descobrir que já não precisavam de combater entre si, porque havia um chefe que era o imperador de Roma. Ou seja, os romanos pacificaram esta zona. Os romanos começaram a induzir os moradores a saírem dos castros e procurarem outras localizações mais abertas, com novas técnicas de agricultura e com melhores resultados. Os romanos mostraram aos nativos que era possível uma vida mais simples e menos turbulenta nos vales e nas planícies. A principal razão da procura das montanhas era a defesa e, uma vez que a zona estava pacificada, já não precisavam de permanecer nos povoados.

E foi desta forma que os povoados castrejos foram sendo abandonados aos poucos e os indígenas vão-se habituar a novas formas de vida.

Chegada de outros povos e cristianização dos castros

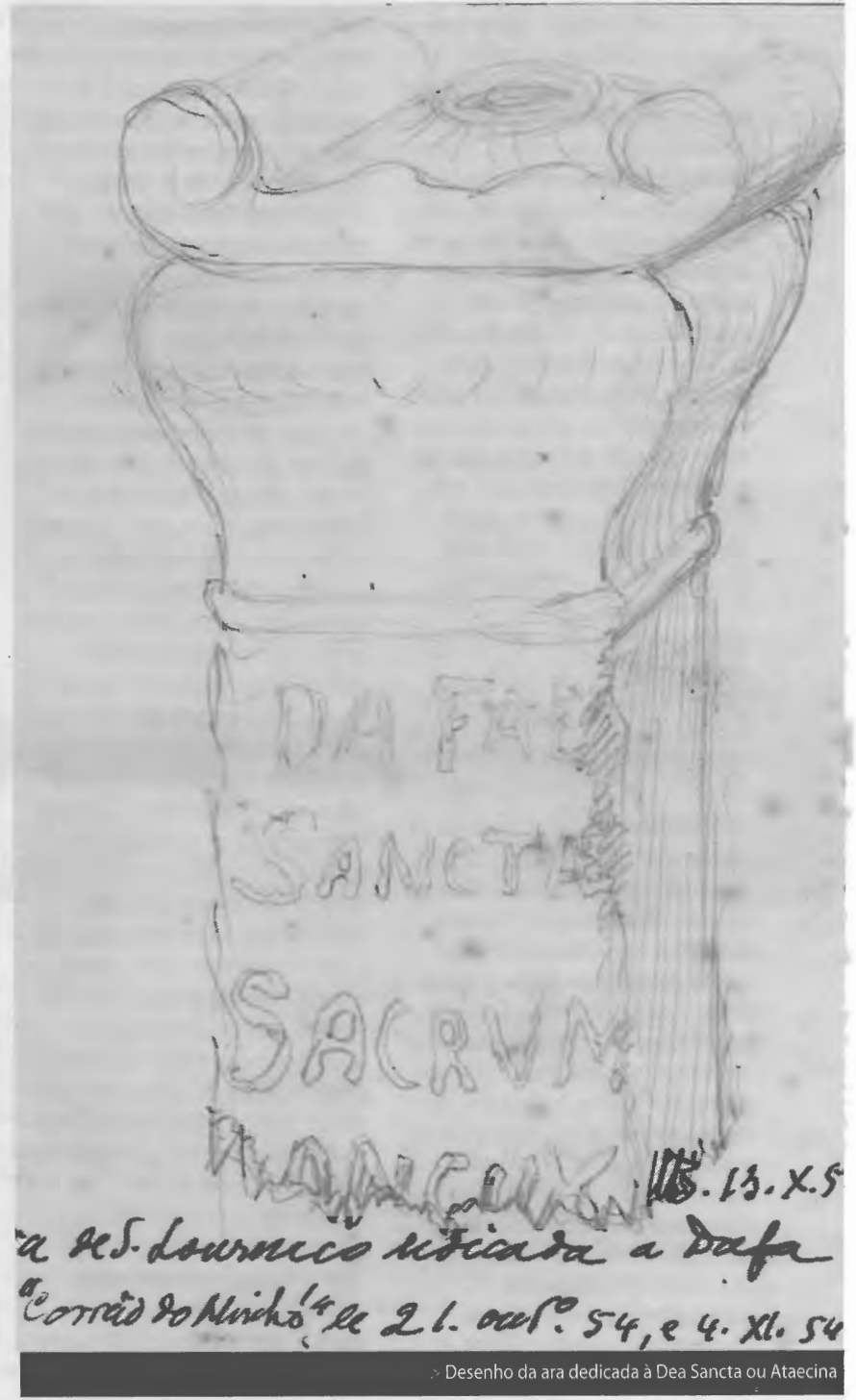
Entretanto, essa paz e esse novo modelo de vida não iria durar muito. No século IV d.C, o império Romano cai e chegam novos invasores, os bárbaros, que vieram de certa forma misturar outra vez a civilização. Trouxeram, entre outras coisas, novas divindades, misturando ainda mais os cultos. E no século VI e VII já decorriam as grandes campanhas

de cristianização. Em Braga, temos o exemplo de S. Martinho de Dume, que implementou fortes campanhas para cristianizar os bárbaros e os nativos.

Argumenta Penteadó Neiva que a melhor forma de convencer os invasores e os próprios nativos era dizer-lhes que os santos e muitos povos tinham sido martirizados pelas espadas e pelos exércitos romanos. «Era uma forma de dizer: vamos acabar com o culto ao imperador romano e ao panteão romano e adoptar uma nova divindade».

É assim que por todo o Minho, os castros abandonados vão ter uma capela na sua acrópole, [a parte mais alta do castro]. Muitas foram dedicadas a mártires dos romanos. Na Idade Média, no tempo da Reconquista, os povoados voltaram a ter alguma importância, porque eram posições estratégicas de defesa. Foi construído um pequeno castelo, um reduto de vigia.

A propósito do trabalho realizado no castro de S. Lourenço, Penteadó Neiva aproveitou para realçar o papel dos voluntários na investigação. «Não há dinheiro para investigação arqueológica. Mas as pessoas não vivem de ar e vento. Quer os directores das escavações quer as pessoas que dedicam o seu Verão a trabalhar na arqueologia fazem-no com um grande sentido de voluntariado. Estes projectos de investigação deveriam ser apoiados. É verdade que não são quantificados em termos de dinheiro, mas o que está em causa é a nossa identidade. E a identidade de um povo não tem preço», atirou.



Martinho de Dume foi importante na sacralização dos castros



Postigo com três letras, "trienomine", influência dos romanos

Galaicofolia vai voltar a dar vida ao castro de S. Lourenço

A Divisão de Cultura e Turismo da Câmara de Esposende vai promover no Verão do próximo ano, estando a data ainda por definir, o Festival Galaicofolia, que promete voltar a dar vida àquele povoado da Idade do Ferro.

Segundo fonte da autarquia, a ideia principal é recriar os diversos ambientes quotidianos do castro durante o período de transição da Idade do Ferro para a romanização, complementada com a animação musical, entre outras actividades. Para isso, sublinha, vai haver a caracterização de personagens e a reconstituição de espaços e casas que, em conjunto, pretendem ser agentes geradores de momentos aprazíveis e inesquecíveis aos visitantes.

Segundo o projecto do Galaicofolia, programado para acontecer entre Agosto e Setembro, a entrada para o evento será feita junto ao cruzeiro, na confluência com a estrada que liga Esposende a Vila-Chã, onde será construída uma réplica em madeira de uma muralha. Os visitantes vão ser recebidos numa tenda, obtendo aí toda a informação sobre o festival, podendo ainda adquirir merchandising alusivo ao evento e ao castro. Aqui, as pessoas serão atendidas por figurantes devidamente trajados à época.

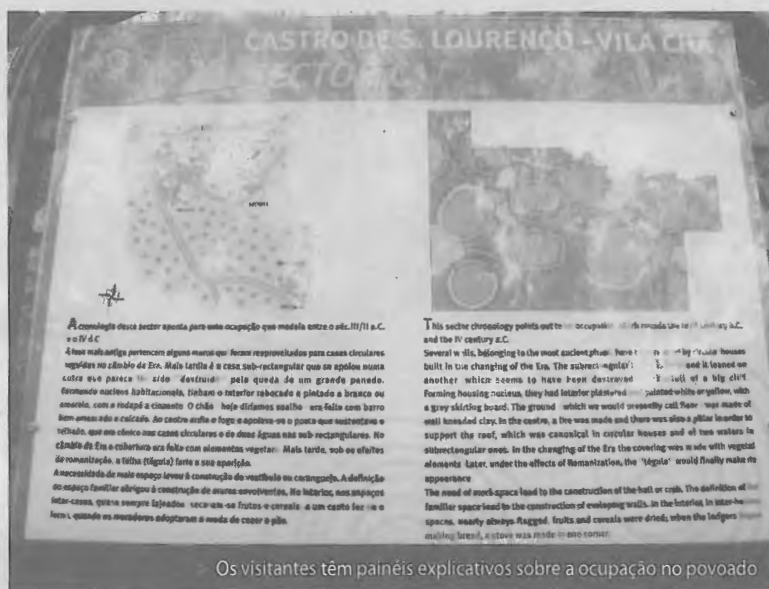
O Galaicofolia, salienta a organização, terá um espaço musical, com um palco Celta e um palco Folk, um espaço castrejo, um acampamento romano, uma feira de produtos artesanais, um espaço de jogos, um curral com cabras e burros, e um espaço dedicado aos mais novos, intitulado Caturo.

A mesma fonte realça que, no espaço musical, a intenção é realizar um festival de música tradicional folk/Celta, com a actuação de vários grupos em dois palcos distintos. Pelo palco celta passarão bandas de renome nacional ou internacional e, no palco Folk, os grupos em fase de lançamento.

No espaço castrejo, o objectivo é explorar as vivências e as ambiências do quotidiano do castro, com a reconstituição dos guardiães da muralha, do treino de guerreiros, a elaboração de objectos de defesa e ataque, a construção, a metalurgia, a olaria, a fição, a tecelagem, a confecção de vestuário, a cestaria, a moagem, a unidade doméstica, a pesca, a pastorícia, a desflorestação, o tratamento de peles e a taberna. A par deste espaço, haverá também a reconstituição de um acampamento romano no exterior do povoado, com actividades constantes



Os arranjos no castro preservaram e memória do passado



Os visitantes têm painéis explicativos sobre a ocupação no povoado



Quadrículas de escavações realizadas pelas equipas de arqueólogos

e interactivas com o público. Está ainda previsto um local de jogos, onde o visitante poderá experimentar tiro com arco, zarabatana e jogos populares.

O festival inclui ainda um curral, com burros e cabras. Este espaço conta com a colaboração da Associação para o Estudo e Protecção do Gado Asinino que, ao longo do evento, vai promover passeios de burro pelos monumentos megalíticos de Vila Chã.

Por fim, o espaço Caturo será uma área totalmente dedicada aos mais novos, composta por uma tenda decorada em torno da persona-

gem Caturo, o pequeno guerreiro de S. Lourenço, que promete levar os mais novos a viver várias aventuras.

Centro Interpretativo

Ainda no que diz respeito aos projectos para o futuro, assume particular relevância a construção do Apoio Turístico e Centro Interpretativo do Castro de S. Lourenço, cuja primeira fase deverá arrancar em 2008. Segundo o projecto, a edificação «deste equipamento visa resolver, concentrando num só edifício modular, as questões relacionadas com o acompanhamento, conforto e

informação ao visitante».

Assim, no Centro Interpretativo haverá uma recepção, uma sala de exposições, um auditório com capacidade para 30 utentes, uma sala de investigação e arrumos. O Apoio Turístico será composto, por sua vez, por uma cafetaria, uma esplanada e instalações sanitárias. O projecto prevê ainda uma área de serviços com bar, copa, cozinha, armazém, um vestiário e instalações sanitárias para os funcionários. Tendo em consideração a Memória Descritiva, o Apoio Turístico e o Centro Interpretativo estão separados e claramente identificados.

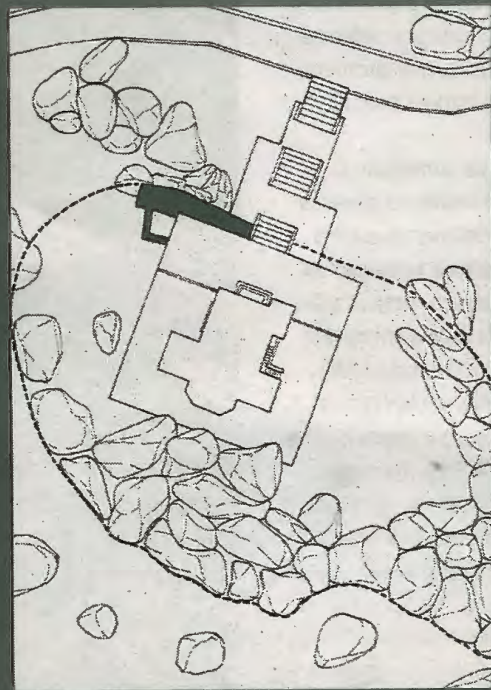
Numa segunda fase vão ser construídas as instalações para os Serviços de Arqueologia da Câmara de Esposende e de apoio à investigação. Entre outros objectivos, pretende-se com esta estrutura dar todas as condições às campanhas de escavações que, desde os anos 80, se têm vindo a realizar e que se espera que continuem no futuro. Neste castro têm trabalhado equipas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Escola de Arqueologia do Freixo. Esta segunda fase prevê a construção de uma área de gabinetes, de um centro de documentação, de camaratas e de balneários.



Os visitantes do castro de S. Lourenço podem, por momentos, "vestir a pele" dos antigos habitantes do povoado. Estes painéis fazem parte das obras de valorização do castro.



No castro de S. Lourenço existe o "Penedo da Senhora". Segundo a lenda, Nossa Senhora terá passado por ali quando fugia para o Egito. Na pedra, afirma o povo, ficaram as marcas das ferraduras do burro.



Na acrópole do castro de S. Lourenço foi construída, na Baixa Idade Média, uma fortificação, cuja parte das muralhas ainda é hoje visível aos visitantes junto à capela de S. Lourenço.



As escavações no castro de S. Lourenço trouxeram à luz do dia um fragmento de cerâmica ática, decorado com figuras vermelhas, que poderá ser datada do século IV ou V antes de Cristo.



Junto à muralha do castro de S. Lourenço decorreram escavações arqueológicas. Ao longo dos últimos 25 anos têm ali trabalhado equipas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da Escola de Arqueologia do Freixo.



Todos os anos, os alunos de arqueologia têm escavado no castro de S. Lourenço, sob a orientação do professor Brochado de Almeida. Este trabalho tem permitido compreender melhor a dinâmica que este povoado teve ao longo dos séculos.